

SAUSSURE SEGUNDO VOLOSHINOV - UMA LEITURA DA OBRA “MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM”

7

SAUSSURE ACCORDING TO VOLOSHINOV - A READING OF THE WORK “MARXISM AND THE PHILOSOPHY OF LANGUAGE”

CRISTOVÃO, Assunção Aparecida Laia

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara com estágio CAPES na Università di Bologna.

Docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca/Unifran.

E-mail: assuncao.cristovao@gmail.com

RESUMO:

Este artigo analisa o livro “Marxismo e filosofia da linguagem – problemas do método sociológico na ciência da linguagem” com o objetivo de avaliar a visão que o Círculo de Bakhtin expressou a respeito da corrente linguística denominada “objetivismo abstrato”, da qual Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, é considerado também expoente. Considerado por muitos especialistas como uma crítica eivada de reducionismos e até impropriedades do pensamento saussureano, o livro é até hoje visto como uma das grandes obras da filosofia da linguagem, por destacar a necessidade de se olhar para a língua com um viés ideológico e dialógico. Para se alcançar essa visão, o Círculo propõe que não se separe a ideologia da realidade material do signo, que ele não seja dissociado das formas concretas de comunicação social e que a comunicação não seja dissociada de sua base material.

Palavras-chave: Pensamento bakhtiniano; Saussure; linguística.

ABSTRACT:

This article analyzes the book “Marxism and philosophy of language - problems of the sociological method in the science of language” with the objective of evaluating the view that the Circle of Bakhtin expressed about the linguistic current called “abstract

objectivism”, of which Ferdinand de Saussure , considered the father of modern linguistics, is also considered an exponent. Considered by many experts as a critique of reductions and even improprieties of Saussurean thought, the book is still today seen as one of the great works of the philosophy of language, for stressing the need to look at language with an ideological and dialogical bias. In order to achieve this vision, the Circle proposes not to separate the ideology of the material reality from the sign, that it is not dissociated from the concrete forms of social communication and that communication is not dissociated from its material base.

Keywords: Bakhtinian thought; Saussure; linguistics.

“Marxismo e filosofia da linguagem - problemas do método sociológico na ciência da linguagem”, o livro que melhor reflete a postura do Círculo de Bakhtin em relação ao linguista e filósofo Ferdinand de Saussure, foi a primeira obra desse grupo de intelectuais traduzida no Brasil. O volume publicado pela editora Hucitec, em 1979, foi atribuído a Mikhail Bakhtin, trazendo o nome de Volochinov entre parênteses. A tradução foi feita por Michel Lahud e Yara Frateschi a partir da edição francesa de 1977 (Paris, Les Editions de Minuit, 1977).

A autoria exata desse livro é muito discutida, por especialistas brasileiros e também do mundo todo, e não iremos entrar nessa disputa, já amplamente problematizada e polemizada. Vamos considerar que o livro é fruto de uma parceria, e que contém marcas estilísticas e ideológicas dos dois autores, valendo lembrar uma ênfase preponderantemente marxista, que é considerada própria de Voloshinov. Valdecir Miotello, num minicurso do 4º Encontro em Análise do Discurso na Unesp de Araraquara, realizado em 2013, identifica no livro partes prováveis de autoria de Voloshinov e outras de Bakhtin, estabelecendo essa diferença em função da característica mais marcadamente marxista de Voloshinov na obra. Por sua vez, Sheila Grillo, em aula magna proferida na Universidade de Franca, Unifran, em 2019, prefere considerar as obras produzidas até 1929 como pertencentes ao Círculo de Bakhtin e, após essa data, especificamente a Bakhtin.

Marxismo e Filosofia da Linguagem é um livro que percorre, além da tese principal de defender a necessidade de uma filosofia marxista da linguagem, vários domínios do conhecimento, uma vez que, para Voloshinov (p. 26), “os problemas da filosofia da linguagem situam-se na convergência de uma série de domínios essenciais para a concepção marxista do mundo”.

Alguns estudiosos, como Faraco (2003), Flores (2006) e Teixeira (2004), entendem que o livro não faz jus às grandes conquistas e a quebra de paradigmas provocadas por Saussure na área da Linguística, cometendo impropriedades que, segundo Teixeira (2005, p.88), “são compreensíveis se considerarmos que os intelectuais do Círculo não tiveram acesso à discussão que o Curso de Linguística Geral veio a sofrer a partir do surgimento das fontes manuscritas”.

Para a autora,

Se por alguma razão, talvez até conjuntural, Voloshinov mostra-se até contraditório em sua posição sobre os aspectos estruturais da linguagem, isso não deve obscurecer sua contribuição no sentido de anunciar uma linguística da enunciação cujo objeto se institui pela diluição da clivagem abstrato/concreto e pela inclusão da relação intersubjetiva. (TEIXEIRA, 2005, p. 92)

Outros autores, como Porsche, encontram problemas ainda mais sérios na análise de Voloshinov aos postulados saussureanos. Diz ela:

Volochínov possui grande habilidade retórica, mas é nessa mesma eloqüência que encontramos as brechas para atacar alguns de seus argumentos mais fortes, através do escrutínio de seus dizeres em comparação aos construtos saussurianos. Se não é possível delimitar o objeto linguagem sem inseri-lo na prática social dos indivíduos que a utilizam, conforme Volochínov; por decorrência, também não é possível criticar posições epistemológicas sem antes considerar o contexto de sua produção, no caso, sem mergulhar no complexo social de sua enunciação. Volochínov não procede assim ao fazer a crítica a Saussure, pois alinha os pensamentos saussurianos aos do objetivismo abstrato, sem reconhecer o lugar de produção do discurso de Saussure, minimizando, inclusive, qualquer colocação que se relacione com o componente social da linguagem, tão presente em Saussure, tão caro ao autor e cuja importância foi tão deliberadamente diminuída em MFL. Isso nos permite levantar a hipótese de que Saussure não foi devidamente estudado por Volochínov. (2008)

Apesar de todas essas discussões a respeito da propriedade ou não das críticas de Voloshinov a Saussure, não nos deteremos nesse aspecto, mas sim na releitura da obra autor russo que criou polêmica ao atacar uma corrente que ele chamou de objetivismo abstrato, e na qual colocou Saussure como seu representante máximo.

No prólogo do livro, Voloshinov afirma como tendo sido motivação para a escritura da obra a inexistência de análises marxistas no âmbito da filosofia da linguagem, fato que teria dificultado ainda mais a realização de um trabalho tão amplo. Para o autor, a essa ausência de material bibliográfico se somava a visão, naquela época, de que a realidade dos problemas ideológicos estava reduzida às particularidades da consciência e do psiquismo (p. 25). Para acentuar a dificuldade de empreender tal missão, V. acentua que, naquele momento, “o espírito filosófico do marxismo ainda não penetrou nesses domínios”, ou seja, o da linguagem”.

Essa ausência de pesquisas na área é, segundo V., uma lacuna que precisava ser sanada, uma vez que, em suas próprias palavras, “a filosofia burguesa está se desenvolvendo *sob o signo da palavra*” (p. 26).

O livro é dividido em três partes. Na primeira, Voloshinov fala da importância da filosofia da linguagem para o marxismo como um todo. Na segunda, o autor se detém no que ele chama de “o problema fundamental da filosofia da linguagem, ou seja, o problema da *natureza real dos fenômenos linguísticos*” (p. 27). E, finalmente, a terceira parte é dedicada a uma pesquisa, amparada em exemplos concretos, sobre o discurso citado, o discurso direto, indireto e indireto livre, mostrando que sua importância ultrapassa os limites da sintaxe. Não vamos tratar, neste artigo, dessa última parte, por mais importante que seja, uma vez que nosso objetivo é tentar extrair, da obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, a visão de Voloshinov sobre o pensamento e a obra de Ferdinand de Saussure e sua contribuição para a linguística e a filosofia da linguagem.

ESTUDO DAS IDEOLOGIAS E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

No capítulo 1, Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem, Voloshinov estabelece as bases de ligação entre o marxismo e a filosofia da linguagem atentando para o fato de que as bases da teoria marxista

da criação ideológica estão intimamente ligadas com a filosofia da linguagem (p. 31). Ele explica esse pressuposto afirmando que os produtos ideológicos, assim como qualquer corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, fazem parte de uma realidade natural ou social. Porém, ao contrário do produto material, o produto ideológico reflete e refrata uma realidade exterior: “Tudo o que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. *Sem signos não existe ideologia* (p. 31).

Voloshinov desenvolve essa ideia afirmando:

Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. No entanto, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, do princípio da inércia e da necessidade na natureza (determinismo) por um determinado objeto único. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.

Em outro texto, “Que é a linguagem”, de 1930, Voloshinov define o que, para ele, significa ideologia: “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras... ou outras formas sígnicas” (apud: BRAIT, 2001, p. 169).

“Marxismo” mostra que esse processo de interpretação e, mais do que isso, de tomada de posição, pode ser verificado com instrumentos de produção que, por si mesmos, nada representam, apenas possuem funções. É quando se convertem em símbolos que esses instrumentos de produção passam a produzir um sentido ideológico. É o caso dos instrumentos de trabalho rural (foice) e urbano (martelo) que, juntos, produzem um discurso puramente ideológico relacionado ao comunismo, ou à fruta maçã, que carrega em si um forte componente ideológico relacionado ao pecado e à tentação.

Nesse sentido, qualquer produto de consumo poderá ser convertido em signo ideológico. Feita essa transposição, de sua função original para material simbólico, o signo estaria no domínio da

apreciação ideológica. Mas, apesar disso, há ainda uma delimitação entre eles, no sentido de que os produtos de consumo também serão signos ideológicos, ainda que com um valor chamado por Voloshinov de “primitivo”, ou seja, sem um valor adicional que ultrapasse as suas particularidades (p. 32).

Diz Voloshinov (p. 32):

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico e de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico.*

Para Voloshinov, os signos têm uma materialidade, quer seja em termos de som, massa, cor, movimento corporal ou outro. Eles teriam então uma realidade objetiva, são um fenômeno do mundo exterior, pois seus efeitos (incluindo ações, reações e novos signos que eles geram no meio social) são também um fenômeno ideológico. Para ele, então, a ideologia não é um fato da consciência que recebe um apenas revestimento material, uma vez que, nas palavras do autor, “*a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação*” – encarnação e não revestimento – “*material em signos*” (p. 33).

Diante disso, os signos só emergiriam de um processo de interação entre consciências individuais, aparecendo, portanto, num terreno interindividual, em que não basta estarem dois indivíduos frente a frente para que esse processo interativo se estabeleça. Só seria assim se esses indivíduos não estivessem socialmente organizados, fazendo parte de uma esfera, um grupo, uma comunidade. “... o organismo e o mundo encontram-se no signo”, afirma Voloshinov. Esquecer esse dado seria um enorme erro metodológico.

Portanto, também a consciência individual se qualifica como um fato sócio-ideológico. Diz Voloshinov: “Enquanto esse fato e todas as

suas consequências não forem devidamente reconhecidas, não será possível construir uma psicologia objetiva, nem um estudo objetivo das ideologias”, e complementa: “Ao invés de se buscar uma definição objetiva da consciência, esta foi usada para tornar subjetivas e fluidas certas noções até então sólidas e objetivas” (p. 35). Após fazer essas afirmações, Voloshinov conclui: “A única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica” (p. 38).

Por sua vez, o estudo das ideologias não dependeria da psicologia, pelo contrário: a psicologia é que deveria se basear no estudo das ideologias, por meio das palavras, que seriam o fenômeno ideológico privilegiado da vida cotidiana. Visto assim, Voloshinov afirma ser *“inaceitável a primazia metodológica da psicologia sobre a ideologia”* (p. 50). Ainda, ele afirma que *“todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser totalmente isoladas nem totalmente separadas dele”* (p. 38), ainda que nem todos os signos ideológicos possam ser substituídos pela palavra, como é o caso das artes de forma geral. *“A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”* (p. 38), diz Voloshinov.

Também para desmistificar a relação entre a infraestrutura e as superestruturas do processo social, Voloshinov vai considerar a palavra um fator decisivo. Não seria a causalidade que definiria como a infraestrutura determina a ideologia. Para ele, também o problema da relação recíproca entre a infraestrutura e a superestrutura, para que encontre uma solução, deve passar pelo estudo do material verbal.

Essa é uma das questões mais importantes do livro e que pode ser contextualizada pela intensa discussão marxista, na época, principalmente a respeito das superestruturas e da infraestrutura. O Círculo de Bakhtin considerava seus contemporâneos superficiais, por realizarem leituras mecanicistas e por buscarem tratar das contradições da sociedade fora de sua realidade empírica, ignorando as próprias condições de existência dos sujeitos. Na verdade, como afirma Zandwais (2009, p. 103), o Círculo cobrava leituras marxistas em torno das relações entre super e infraestrutura, que tratassem de investigar como as relações jurídicas entre os sujeitos podem ser explicadas a partir de suas condições de existência.

A questão seria então saber como a realidade determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade em transformação. Esse

pensamento, desenvolvido já na década de 20, é extremamente atual no sentido de demonstrar o quanto as palavras estão intimamente relacionadas com os processos de transformação social, o quanto cada contexto ou período histórico usa as palavras e o discurso de maneiras diferentes, transformados.

Para V., a palavra reflete e refrata essa realidade no sentido de que essa realidade nada mais é do que uma arena de lutas, em que, ao mesmo tempo em que é refletida, essa realidade é também distorcida, criando um espaço ou uma “arena” onde também se desenvolve a luta de classes. Para ele, a classe dominante tenta impingir ao signo um caráter intangível e acima dessas diferenças de classe. Mais do que isso, na ideologia dominante o signo tem uma característica interessante, que é estabilizar a corrente anterior de evolução social, tentar “congelar” a realidade para evitar a mudança.

“A palavra”, diz Voloshinov (p. 41), “é capaz de registrar as fases transitórias mais internas, mais efêmeras das mudanças sociais”. E quando diz isso, o autor inclui as formas mais mundanas da realização material da ideologia, escondida sob vários modos de discurso, como, nas suas palavras, “as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e nos concertos, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia a dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc.” (p. 42), ou seja, podemos assim dizer, nas variadas manifestações dos gêneros discursivos, sejam eles do tipo secundário ou primário, mais ou menos elaborados.

No seio dessa psicologia do corpo social é que acontecem mudanças quase imperceptíveis materializadas nas palavras, mudanças que mais tarde encontrarão sua expressão nas produções ideológicas acabadas (p. 42).

Um estudo que levasse em consideração todos esses aspectos só poderiam ser levados a bom termo caso fossem seguidas algumas regras metodológicas apontadas por Voloshinov na página 44 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

São elas:

- 1) Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-o no campo da consciência ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).

2) *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).

3) *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material* (infra-estrutura).

Antes de terminar essa parte do livro, Voloshinov vai ainda falar sobre duas tendências presentes naquele período. Diz ele:

Tudo se passa como se houvesse uma alternância periódica entre o psicologismo espontaneísta, absorvendo todas as ciências de orientação ideológica, e um antipsicologismo agudo, esvaziando o psiquismo de seu conteúdo e conduzindo-o a um lugar vazio, puramente formal (como na psicologia funcionalista), ou ainda a um simples fisiologismo. Nesse ínterim, a ideologia, privada pelo antipsicologismo de seu lugar habitual no ser (isto é, no psiquismo), não encontra seu lugar em parte alguma e se vê obrigada a emigrar da realidade para estruturas transcendentais. (p. 55)

Voloshinov vai então descrever como, historicamente, essas correntes se alternaram, mostrando que essa alternância não confluiu para uma posição dialética, e reafirma que a chave para essa síntese é a “filosofia do signo, a filosofia da palavra enquanto signo ideológico por excelência” (p. 57).

Há uma questão interessante nessa ideia, apontada pelo autor: a de que a fronteira entre psiquismo e ideologia é apenas uma questão de grau. Diz ele:

[...] todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória. Repetindo: todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior.

Por meio de um discurso interior, Voloshinov identifica um diálogo interior, uma concatenação de diálogos que possuem uma dependência intrínseca com o mundo ao redor, com o social. O autor

considera que, naquele momento, as pesquisas relacionadas à filosofia da linguagem não permitiriam estudar a contento esse diálogo interior, e determina então que ele está fora da abrangência do seu estudo. A menção a isso se justifica no sentido de mostrar que até esse diálogo tem uma relação estreita com a realidade exterior. “Desta maneira”, diz ele, “existe entre o psiquismo e a ideologia uma interação dialética indissolúvel: *o psiquismo se oblitera, se destrói para se tornar ideologia e vice-versa*” (p. 65).

MEIO E CONTEXTO SOCIAL

As questões levantadas até agora – e que nada mais são do que um resumo da primeira parte da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – são suficientes para introduzir o cerne do conteúdo principal deste artigo, que trata da parte 2 do livro. É neste ponto que Voloshinov vai discutir as pesquisas até então realizadas sobre a natureza da linguagem. Ele critica a forma como os estudos feitos até então reduziram a natureza da linguagem às esferas física, fisiológica e psicológica da realidade, deixando de fora aspectos mais complexos que inserem esse domínio do conhecimento na esfera da “relação social organizada”.

Diz o autor (p. 70):

O que mais deve ser acrescentado a este conjunto já tão complexo? É preciso, fundamentalmente, inseri-lo num complexo mais amplo e que o engloba, ou seja, na esfera única da relação social organizada. Assim como, para observar o processo de combustão, convém colocar o corpo no meio atmosférico, da mesma forma, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som -, bem como o próprio som, no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre este terreno preciso que a troca linguística se torna possível; um terreno de acordo ocasional não se presta a isso, mesmo que haja comunhão de espírito. Portanto, a unicidade do meio social e do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-

psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem. Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala.

Voloshinov vai mostrar que os estudos realizados até então não consideraram essa complexidade. Ele cita duas correntes principais dos estudos linguísticos, que chama de “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato”.

O primeiro, em linhas muito gerais, considera o psiquismo individual como fonte da língua. A tarefa do linguista seria então descrever, classificar, explicar o fato linguístico como aquele que nasce de um ato de criação individual, no qual o indivíduo busca num sistema estável, seja ele fonético, gramatical ou lexical, os artefatos para a consumação da língua. Essa tendência estaria ligada ao Romantismo (p. 110).

Humboldt seria o principal representante dessa tendência, mas Voloshinov cita outros expoentes dessa linha e as abordagens conferidas por cada um deles. Assim, como criação individual, o fato estilístico teria aqui uma importância fundamental.

A segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, é o objetivismo abstrato, e é essa que mais nos interessa neste momento, porque considera o sistema, ou seja, as formas fonéticas, gramaticais e lexicais, como centro organizador da língua. Essa corrente estaria ligada ao Racionalismo e ao Neoclassicismo (p. 110). Ao contrário da primeira orientação, não prepondera aquilo que é único, individual, mas, ao contrário, aquilo que é estável, que se repete, ou seja, os elementos idênticos e comuns a vários enunciados presentes no meio social, aqueles que permitem a compreensão de uma dada língua por todos os meios de uma mesma comunidade.

Em relação a isso, diz Voloshinov:

Essas leis linguísticas específicas, à diferença das leis ideológicas – que se referem a processos cognitivos, à criação artística, etc. – *não podem depender da consciência individual*. Um tal sistema, o indivíduo tem que tomá-lo e assimilá-lo no seu conjunto, tal como ele é. Não há lugar, aqui, para quaisquer distinções ideológicas, de caráter apreciativo: é pior, é melhor, belo ou repugnante, etc. Na verdade só existe um critério linguístico: está certo ou errado; além do mais, por correção linguística deve-se entender apenas a conformidade a uma dada norma do

sistema normativo da língua. (p. 79)

Voloshinov deixa claro, assim como em relação à primeira orientação, seu desacordo em relação a essa tendência. Ele argumenta que o sistema linguístico é dinâmico, que não é o mesmo em diferentes períodos de evolução de uma língua, e que, portanto, não se pode pensar num sistema estável que despreze a história. O problema, neste caso, seria a ênfase nos estudos sincrônicos da língua, e esse problema não possui, a seu ver, uma relação lógica com uma abordagem que considere como inerente ao caráter linguístico a sua dinamicidade. “A lógica da história da língua é a lógica dos erros individuais ou dos desvios”; “A cada época só pode corresponder uma única norma linguística [...]”; e “A mudança de um dos elementos do sistema cria um novo sistema, assim como a mudança de um dos elementos da fórmula cria uma nova fórmula”, são alguns dos argumentos de Voloshinov para corroborar suas críticas em relação a essa orientação do pensamento linguístico (p. 80).

O autor define então a incompatibilidade lógica entre o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, uma vez que a primeira orientação considera a história como essência da língua e a segunda prioriza o sistema. O autor mostra que ambas as orientações excluem o caráter ideológico da linguagem, a inserção do indivíduo no meio social, o que torna ambas as proposições falhas metodologicamente.

Para situar essa segunda orientação na história do pensamento, Voloshinov atribui a ela uma influência muito acentuada da corrente racionalista, ao espírito predominante dessa corrente voltado para a matemática. Outra característica, segundo ele, seria a inclinação para valorizar o ponto de vista do receptor em detrimento daquele do locutor.

Como não poderia deixar de ser, Voloshinov considera como representante maior do objetivismo abstrato Ferdinand de Saussure. Para quem imagina que o livro todo não passa de críticas ao pensamento saussureano, é bom saber que logo na primeira menção feita a Saussure, Voloshinov atribui a ele adjetivos como “brilhante” e parágrafos como este (p. 84):

Saussure deu a todas as ideias da segunda orientação uma clareza e uma precisão admiráveis. Suas formulações dos conceitos de base da linguística tornaram-se clássicas. E mais, ele levou todas as reflexões a seu termo, dotando

assim os traços essenciais do objetivismo abstrato de uma limpidez e de um rigor excepcionais.

Ao analisar essa tendência, Voloshinov detém-se nas concepções de Saussure, segundo ele, “dada a imensa importância de seus fundamentos teóricos para a segunda orientação e para a linguística russa” (p. 85).

A crítica de Voloshinov inicia-se pela opção de Saussure em elege a língua como norma de todas as manifestações da linguagem. O autor russo usa citação de Saussure distinguindo esses dois termos:

Diz Saussure na citação apresentada por Voloshinov e extraída do curso de Linguística Geral, edição de 1922 (p. 86):

Tomada como um todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; participando de diversos domínios, tanto do físico, quando do fisiológico e do psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, porque não se sabe como isolar sua unidade.

Voloshinov cita outro trecho da obra de Saussure, em que este faz a distinção entre a língua e a fala: “Separando-se a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: em primeiro lugar, o que é social do que é individual; em segundo lugar, o que é essencial do que é acessório e relativamente acidental” (p. 86).

Vale fazer um aparte aqui para considerar os argumentos de alguns dos defensores de Saussure a respeito do que consideram uma leitura equivocada, por parte de Voloshinov, do Curso de Linguística Geral. Porshe, por exemplo, (2008, p. 8), vai afirmar que o conceito de fala não foi suficientemente esgotado no Curso de Linguística Geral:

A afirmação de Saussure de que a fala se opõe à língua como o social ao individual é considerada o proton pseudos da teoria saussuriana por Volochínov. Essa leitura está correta, visto ser, de fato, estranho considerar a língua como produto social e não admitir que haja na fala uma parte social; que ela seja totalmente individual. Mas, nesse sentido, lembramos que o conceito de fala não é bem elaborado no CLG, ainda que intimamente relacionado ao conceito de língua (...). Saussure inclusive anuncia uma Linguística da fala, não sendo possível, então, afirmar que a fala é negligenciada na teoria saussuriana.

Ora, ainda assim, pelo que se percebe até aqui, a partir da

análise na primeira parte da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Voloshinov não poderia, com o material a que tinha acesso aos estudos de Saussure, concordar integralmente com a postura que ele chamou de objetivismo abstrato, assim como descartou os princípios do subjetivismo idealista, ainda que considerasse o brilhantismo das ideias do linguista e filósofo suíço. Para ele, os representantes dessa orientação consideram o sistema linguístico “um fato objeto externo à consciência individual” e independente dela (p. 90). E seria apenas considerando a partir da consciência individual que se poderia afirmar que a língua se constitui por um sistema de normas rígidas e imutáveis. “Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis (p. 90).

Para Voloshinov, essa visão descartaria a característica da língua como um processo historicamente mutável, em constante evolução. Ele nega que a relação entre as duas concepções, ou seja, a consciência subjetiva e a língua como sistema objetivo de normas seja desprovido de objetividade (p. 91). Para Flores, Voloshinov não leva em conta, nessa avaliação, que, no *Curso de Linguística Geral*, fala é um conceito dialeticamente articulado ao de língua, uma vez que a mudança da língua está na dependência da fala.

Um pouco mais adiante, afirma o autor russo:

Na realidade o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (...) num dado contexto concreto. Para ele, o locutor, o centro de gravidade na língua, não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor. (p. 92-93)

E para que o receptor decodifique a mensagem – e essas denominações receptor, mensagem e locutor fazem parte da tradução da obra de Marxismo e Filosofia da Linguagem feita por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira a partir do francês –, a interpretação da norma linguística não é suficiente. Para Voloshinov, “o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber o seu caráter de “novidade” e não somente sua conformidade à norma” (p. 93). Diz ainda Voloshinov: “Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular” (p. 95). E, mais adiante, reforça: “Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (p. 95).

Voloshinov, então, vai relativizar as diretrizes dessa segunda tendência, admitindo que ela resulta de uma análise abstrata, que pode ser útil para certas finalidades (p. 96), em especial para estudos filológicos, mas sempre com duras críticas a esse procedimento, por considerá-lo um estudo passivo e não ativo, que resultaria numa teoria falsa de compreensão.

O autor resume as diretrizes do objetivismo abstrato elencando itens assim resumidos:

- 1) Nas formas linguísticas, o fator *normativo* e *estável* prevalece sobre o caráter *mutável*.
- 2) O *abstrato* prevalece sobre o *concreto*.
- 3) O *sistemático abstrato* prevalece sobre a *verdade histórica*.
- 4) As formas dos *elementos* prevalecem sobre as do conjunto.
- 5) A *reificação* do elemento linguístico isolado substitui a *dinâmica* da fala.
- 6) Há *Univocidade* da palavra mais do que polissemia e *plurivalência* vivas.
- 7) Representação da linguagem como um *produto acabado*, que se transmite de geração a geração.
- 8) Incapacidade de compreender o processo gerativo *interno* da

língua. (p. 102-103)

Voloshinov, então, encaminha-se para encerrar suas análises a respeito subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, concluindo que (p. 123):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (p. 123)

Ele continua introduzindo aí o seu conceito de dialogismo, que viria marcar toda a obra do Círculo de Bakhtin e que modificaria os estudos linguísticos em várias partes do mundo, e introduz uma ordem metodológica necessária, dentro da sua perspectiva, para o estudo da língua, composta de três etapas:

1) As formas e tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Diz Voloshinov (p. 124):

É nessa ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infraestruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas e atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (p. 124)

Especificando ainda mais, Voloshinov, a partir das duas orientações, decodifica seu ponto de vista com as seguintes formulações,

que resumem praticamente tudo o que já falamos (p. 127):

1) A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta da língua*.

2) A língua constitui um processo de *evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.

3) As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente leis *sociológicas*.

4) A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega do tipo mecanicista, mas também pode tornar-se ‘uma necessidade de funcionamento livre’, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.

5) *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo ‘individual’) é uma *contradictio in adjecto*, ou seja, uma contradição entre as partes desses dois argumentos. (p. 127).

O que é interessante notar em toda a leitura do livro é que, apesar de refutar enfaticamente os princípios do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista, por considerar que a língua não pode ser descartada do meio social, Voloshinov em nenhum momento exclui a necessidade de aplicação das bases dessas teorias para uma compreensão mais profunda da linguagem.

Beth Brait, no capítulo Análise e Teoria do Discurso da obra organizada por ela “Bakhtin – outros conceitos-chave”, ao tratar da proposta bakhtiniana de uma disciplina intitulada metalinguística, observa esse aspecto metodológico que também se observa em Marxismo e Filosofia da Linguagem. Diz ela: (2006, p. 13-14)

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá – como se pode observar nessa

proposta de criação de uma nova disciplina, ou conjunto de disciplinas -, herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracteriza o (s) discurso (s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa 'materialidade linguística', reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objetivo de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

O que Bakhtin propõe, como nos mostra Brait acima, é um alargamento das concepções da linguagem, do texto para o contexto e o discurso, para as relações dialógicas que ele mantém com outros textos e discursos.

Essa visão de mundo, entretanto, apesar da crítica direta de Bakhtin-Voloshinov à linguística estruturalista, ou ao objetivismo abstrato em Marxismo e Filosofia da Linguagem, não pode ser reduzida a uma total discordância dos grandes avanços saussureanos na área da Linguística, pelo contrário. Voloshinov reconhece a importância da linguística estrutural em alguns momentos do livro. Há que se levar em consideração, portanto, a imensa contribuição oferecida pelos dois pensadores no campo da Linguística e da Filosofia da Linguagem, uma vez que, cada um por um viés, por um foco, ofereceu uma nova possibilidade de abordagem dos estudos na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B. A natureza Dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In FARACO, C. A.; TEZZA,

C.; CASTRO, G. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.

FLORES, V. N. **Bakhtin e Saussure** – convergências e divergências. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, dez de 2002, p. 21-26. (Coleção Ensaios, 5).

PORSCHÉ, S. C. Saussure e Volochínov: uma relação conturbada. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

TEIXEIRA, M. O Círculo de Bakhtin e a Linguística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. V. 1, no. 2. P. 85-98, jul. a dez. de 2005.

ZANDWAIS, A. Bakhtin-Voloshinov: condições de produção em Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, B. **Bakhtin e o Círculo**. Contexto, São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em: 23/05/2019

Aceite em: 11/06/2019